

O perigoso, corrosivo e envenenador da vida

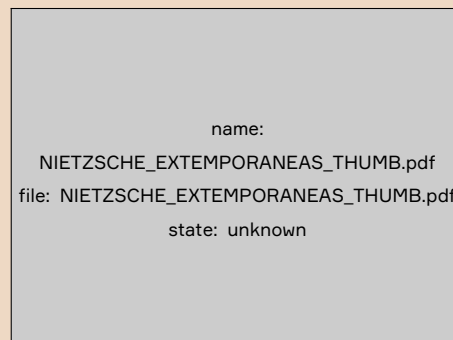
O consagrado filósofo Friedrich Nietzsche discute a doença do século: o sentido histórico

Obra fundamental para compreender a filosofia da história e a filosofia da cultura em Nietzsche, *Sobre a utilidade e a desvantagem da história para a vida*, publicada em 1874, é a segunda das quatro considerações extemporâneas do autor, série de livros caracterizada pelo desejo de “intervir extemporaneamente — isto é, contra a época, sobre a época e a favor de uma época futura”. Nesta consideração, são discutidos os princípios, limites e objetivos do saber histórico.

Contudo, as invectivas de Nietzsche não se dirigem apenas à cultura histórica do século 19, mas também às próprias concepções de ciência e de conhecimento que permeiam essa pesquisa e têm consequências na cultura como um todo. Para o filósofo, tratar a história com a pretensão da suposta objetividade é mera erudição sem relação com a vida e com a renovação da cultura — é apenas uma forma de conhecimento que não conduz à ação. A história como ciência objetiva não é apenas erro e ilusão: é desserviço à vida.

Não será à toa, portanto, que Nietzsche exortará, ao final desta consideração, a juventude a libertar-se da educação histórica que lhe é impingida e a praticar a história a serviço da vida, por meio dos pontos de vista *a-histórico* — “a arte e a força de poder esquecer”, isto é, a capacidade de abandonar a memória coletiva — e *supra-histórico* — a percepção do que “dá à existência o caráter da eternidade e identidade, a arte e a religião”.

Apesar da tímida recepção na época de sua publicação, *Sobre a utilidade e a desvantagem da história para a vida* tornou-se, com o passar do tempo, um texto incontornável na obra de Nietzsche pelas provocações, complexidades e ambiguidades que contém.



Título *Sobre a utilidade e a desvantagem da história para a vida*

Autor Friedrich Nietzsche

Tradutor André Itaparica

Editora Hedra

ISBN 978-85-7715-797-6

Pág. 122

Pré-venda 07/05

Lançamento 07/06

Preço R\$ XXXXX

Sobre o autor

Friedrich Nietzsche (Röcken, 1844–Weimar, 1900), filósofo e filólogo alemão, foi crítico mordaz da cultura ocidental e um dos pensadores mais influentes da modernidade. Descendente de pastores protestantes, optou, no entanto, pela carreira acadêmica. Aos 25 anos, tornou-se professor de letras clássicas na Universidade da Basileia, onde se aproximou do compositor Richard Wagner. Serviu como enfermeiro voluntário na guerra franco-prussiana, mas contraiu difteria, que lhe comprometeu a saúde definitivamente. Retornou à Basileia e passou a frequentar mais a casa de Wagner. Em 1879, devido a constantes recaídas, deixou a universidade e passou a receber uma renda anual. A partir daí assumiu uma vida errante, dedicando-se exclusivamente à reflexão e à redação de suas obras, dentre as quais se destacam: *O nascimento da tragédia* (1872), *Considerações Extemporâneas* (1873–1874), *Assim falava Zaratustra* (1883–1885), *Para além do bem e mal* (1886), *A genealogia da moral* (1887) e *O anticristo* (1895). Em 1889, apresentou os primeiros sintomas de problemas mentais, provavelmente decorrentes de sífilis. Faleceu em 1900.

Sobre o tradutor

André Luis Mota Itaparica é doutor em filosofia pela Universidade de São Paulo (USP) e professor da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). É autor de *Nietzsche: Estilo e moral* (Discurso/Unijuí, 2001), *Verdade e linguagem em Nietzsche* (Edufba, 2014), numerosos artigos e contribuições a obras sobre Nietzsche, Crítica da Moral, Idealismo, Realismo, Natureza, Cultura etc.

Trechos do livro

- **A miséria dos homens frente aos animais**

- Observe o rebanho a pastar: ele nada sabe do que é o ontem e o hoje; saltita aqui e acolá, come, descansa, digere, novamente saltita, noite e dia, dia após dia. Em resumo, preso ao seu prazer e desprazer, estancado no instante, não se entristece nem se enfastia. Ver isso é difícil para o homem, que se vangloria de sua humanidade perante o animal, mas contempla enciumado a sorte deste — pois o homem apenas quer, como o animal, viver sem fastio e sem dor; mas o quer em vão, por não querer como aquele. O homem pergunta ao animal: “por que nada me diz de sua sorte e apenas me fita?” O animal quer responder e dizer: “acontece que eu sempre esqueço o que quero dizer” — mas já esquece essa resposta e silencia, e o homem se espanta.

- **A ciência domina a vida humana**

- Aliás, hoje é vangloriado o fato de que “a ciência começa a dominar a vida”: é possível que se chegue a isso, mas a vida assim dominada não tem muito valor, pois é menos vida e garante menos vida para o futuro do que outrora, quando se dominava a vida não pelo saber, mas por instintos e fortes alucinações. Mas esta não deve ser, como dissemos, uma época de personalidades harmoniosas, perfeitas e maduras, mas a do trabalho mais ordinário e mais útil possível. Isso significa que os homens devem direcionar-se aos propósitos da época para trabalhar o mais cedo possível. Eles devem trabalhar na fábrica das utilidades universais antes de se tornar maduros — porque seria um luxo dispensar do “mercado de trabalho” uma grande quantidade de força. Cegam-se alguns pássaros para que eles cantem melhor; não acredito que os homens de hoje cantem melhor do que os de outrora, mas sei que se cegam na atualidade. Mas o instrumento, o terrível instrumento que utilizam para cegar é uma luz por demais rútila, súbita e cambiante.